

issonância

JUNHO DE 2026

EDIÇÃO Nº 10



LUCAS FÉLIX

*E a Arte de Amolecer
o Coração Alheio*

LAÍS GOMES

RAIO-X DO ÁLBUM

*Quanto Tempo
Temos?*

*A Diva Pop tem
nove respostas*



A Costureira das Próprias Sombras

LEIA TAMBÉM

- Anderson Schiavi: Eus
- Val Porto: Enquanto Você Olhava Longe
- Rogério Espósito: O Diabo Veste Prada - O Filme Sobre Moda Que Nunca Foi Sobre Moda
- Hélio Silva: Feijão Queimado

RELEASES

☞ Daltro ☞ Medyna Sol ☞ Vitor Edu ☞ Voidstorm Black
☞ Who To Follow ☞ OXE ☞ Meyerick ☞ Flavio Duin

EDITORIAL – 10ª EDIÇÃO

Salve, Folks!

Dez edições. Uma para cada dedo da mão, o que é conveniente para contar e inconveniente para qualquer argumento de que isso aconteceu por acidente.

Não aconteceu por acidente. Aconteceu por teimosia, por amor desproporcional à música que o *mainstream* ignora, e por uma quantidade de café que prefiro não contabilizar por questões de saúde mental. Chegamos à décima edição da Dissonância, e a cada vez que uma nova edição vai ao ar fico aqui na minha cadeira de editor pensando no absurdo bonito que é isso tudo: uma revista independente, sem patrocínio corporativo, sem jabá, sem relações públicas sofisticadas, cobrindo artistas que também constroem as suas carreiras no improviso e na convicção. Somos espelhos uns dos outros, e o reflexo é bastante honesto.

Esta edição tem uma capa que faz sentido para tudo o que a Dissonância defende. Laís Gomes é psicóloga formada que, em determinado momento, fez uma conta simples e incômoda: quantos anos de vida útil restam para apostar em si mesma? A resposta a levou a largar o consultório e colocar a música no centro. O resultado está na sua discografia crescente, na sua presença de palco e nesta entrevista que você vai ler nas próximas páginas. A coragem de Laís interessa à Dissonância como lembrete: é isso que acontece quando alguém leva a sério o que faz.

Lucas Felix, carioca, lançou "Todas as Canções" e conversou com a gente sobre a vida de artista independente no Rio de Janeiro, cidade que tem uma relação complexa com a música que produz: ama demais e remunera de menos. Lucas fala sobre perrengues, sobre vitórias pequenas que só quem está no jogo reconhece como vitórias, e sobre o que significa lançar um álbum quando o contexto ao redor não facilita em nada.

Na seção Raio-X do Álbum, nossa equipe foi faixa a faixa em "Quanto Tempo Temos?", da Diva Pop, e o que encontrou foi um álbum que coloca gerações em atrito, onde visões de mundo distintas dividem o mesmo espaço sem forçar um acordo. Vale a leitura mesmo que você não conheça a banda, e provavelmente você vai querer conhecer depois.

Na seção de Releases, a proposta segue a mesma de sempre: sinceridade a serviço da arte. Não estamos aqui para destruir ninguém, mas tampouco para aplaudir de pé o que não merece. O artista que nos manda material para avaliação vai receber o que qualquer pessoa que leva a arte a sério deveria querer: uma leitura atenta, uma opinião fundamentada e o respeito de ser tratado como alguém capaz de crescer a partir do que ouve.

Dez edições. Próxima parada: onze.

Divirtam-se.

Tião Folk Editor – Revista Dissonância

Entre em contato conosco e
descubra como fazer parte do
ecossistema Dissonância

contato@dissonancia.com

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas,
entrar em contato com o Editor
Responsável da Dissonância.

TIÃO FOLK

Email: tiaofolk@dissonancia.com

Tel / Whatsapp: (41)98783-9137

Instagram: @tiaofolk

www.tiaofolk.com

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

ENVIO DE MATERIAL:
contato@dissonancia.com
(21) 96736-6260

Divulgue na Dissonância

 **REVISTA**
DISSONÂNCIA

**SUA MARCA
CHEGANDO
A MILHARES
DE LEITORES
NO BRASIL E
NO MUNDO**

ÍNDICE

- 05 - [Laís Gomes - a costureira das próprias sombras](#)
- 10 - [Laís Gomes em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 13 - [Página bio-dicográfica: Laís Gomes](#)
- 14 - [Anderson Schiavi: Eus](#)
- 15 - [Lucas Felix - a arte de amolecer o coração alheio](#)
- 19 - [Lucas Felix em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 22 - [Val Porto: Enquanto Você Olhava Longe](#)
- 23 - [Releases e Análises \(parte 1\):](#)
Vitor Edu: O Tempo
Who To Follow: Quit Now
Voidstorm Black: Riders of the Broken World
Meverick: Meu Amor Por Você
- 24 - [Releases e Análises \(parte 2\):](#)
OXE: Voando Baixo
Flávio Duin: Ao Vivo na Rádio Barretão
Medyna Sol: Amanhecer
Daltro: Jorge
- 25 - [Raio-X do Álbum "Quanto Tempo Temos?" - A Diva Pop tem nove respostas](#)
- 29 - [Página bio-discográfica: Diva Pop](#)
- 30 - [Rogério Espósito: O Diabo Veste Prada - o filme sobre moda que nunca foi sobre moda](#)
- 31 - [Hélio Silva: Feijão Queimado](#)



Laís Gomes A Costureira das Próprias Sombras

Por Clara Mello

Tem uma cena que Laís Gomes carrega desde a adolescência. O carro cortando a estrada para Piripiri, no Piauí, e ao lado da janela um carnaubal se abrindo a perder de vista. Ela anotou nos cadernos. Virou verso. Virou canção. É assim que essa mulher funciona: coleta imagens do mundo, guarda no corpo e devolve em música. E para quem acha que esse processo é simples, o EP "Costurando a Sombra" foi entregue ao mundo com o objetivo de mostrar que não.

Ao estudar a história de vida da Laís, deparei-me com a palavra "*cantautora*", nunca tinha visto ou ouvido falar dessa palavra, um neologismo muito doce, fofinho até, mas muito verdadeiro e autoexplicativo. Ela canta (e canta muito diga-se de passagem) e é uma autora/compositora cheia de dotes linguísticos que me fez voltar no tempo e gostar de ouvir música boa de novo.



Laís Barbosa de Sousa Gomes nasceu em Teresina e chegou a São Paulo aos cinco anos. Terceira de cinco filhos, cresceu num lar onde música e palavras eram normais. O pai, músico, escritor e ator, recebia seus primeiros versos, já que ela começou a compor aos 13.

Aos poucos, a canção se tornou o principal meio de organizar inquietações, afetos e contemplações. Ainda assim, a música não parecia um caminho simples de sustentar. Laís decidiu estudar Psicologia, área que também despertava interesse pelo autoconhecimento e pela escuta humana.

Durante anos, as duas identidades coexistiram.



Laís Gomes psicóloga no SUS

De dia, a psicóloga atuando no SUS. À noite, a compositora produzindo shows independentes, estudando canto, escrevendo letras e tentando compreender o funcionamento rude do mercado musical contemporâneo.

“Um tempo depois, trabalhando como psicóloga, eu fui me dando conta do quanto a minha visão do mercado da música estava antiquada, fantasiosa, muito desatualizada. E eu me dei conta de que eu teria que fazer muito mais e que eu teria que fazer alguns movimentos mais radicais”



Tripas Coração (2019)

A escolha pela psicologia na universidade poderia ter sido uma despedida silenciosa da música. Pois é, não foi. Ela cursou, se formou em 2019, atuou no SUS e, durante tudo isso, compôs o álbum "Tripas Coração", lançado naquele mesmo ano em parceria com o violonista João Vasconcelos, seu parceiro musical desde 2018, hoje também parceiro de vida (isso é tão lindo, achar o parceiro para essa longa estrada da arte).





Esfinge do Sertão (2017)

Antes de Tripas Coração, Laís lançou o EP intitulado "Esfinge do Sertão". É um disco lado B que não se encontra mais nas lojas de streaming. É tipo aqueles discos que se tornam raros e, a cada vez que a gente ouve, descobre alguma coisa diferente. Eu tive que recorrer ao Soundcloud para conseguir ouvir.

A coragem desses movimentos aparece diretamente em sua obra. Se Tripas Coração (2019), já mergulhava em temas como morte, descoberta de si e relações humanas, "Costurando a Sombra" parece ir ainda mais fundo.



O disco é quase um quarto escuro iluminado apenas por pequenos lampejos de consciência. As canções falam de silêncio, solidão, deslocamento e identidade. Na letra de "Movediça", os estados emocionais oscilam entre o sossego e o desejo.

Movediça

**E me afasta de lá de fora
A vontade não se demora
E me iça**

**Se a vontade só me balança
Numa dança turva e calma
Já vem o desejo da alma
E me lança**

**Se o desejo também tortura
Por que nada é suficiente
O sossego é paciente
E me cura**

Em 2020, venceu um concurso promovido por Francis Hime nas redes sociais: entre mais de 500 letristas inscritos, sua letra "Terra e Céu" foi a escolhida pelo compositor para ganhar melodia.

Parecia um caminho traçado: consultório no SUS de dia, criação à noite.

E é aí que as coisas começam a ficar mais interessantes.

Porque não era suficiente. Em 2023, Laís tomou a decisão da vida: deixou o emprego fixo.



“Minha saída do emprego de psicóloga foi em 2023. Querendo ou não, é um marco para mim de uma decisão de assumir as consequências dessa escolha.”

A frase pode até parecer romântica para alguns, mas carrega um peso que só os artistas mais corajosos conhecem, largar o emprego para seguir seu sonho. Um amigo (não vou citar o nome dele aqui pra ele não ficar se achando) sempre diz que "música não é seguir sonhos, é atender um chamado", e advinha: ela atendeu a esse chamado.

Aqui não quero falar de “força da mulher” como se fosse um slogan de empoderamento fácil, por que não é. A parada é dura, o buraco é mais embaixo, uma artista com contas para pagar e agenda para tocar sozinha.

É justamente nesse ponto que Laís se torna símbolo de uma geração de mulheres artistas que aprenderam a construir suas carreiras sem proteção institucional, sem atalhos e sem promessas fáceis de mercado. Sua música nasce de um território interno profundamente feminino, onde fragilidade e resistência não se anulam, coexistem.



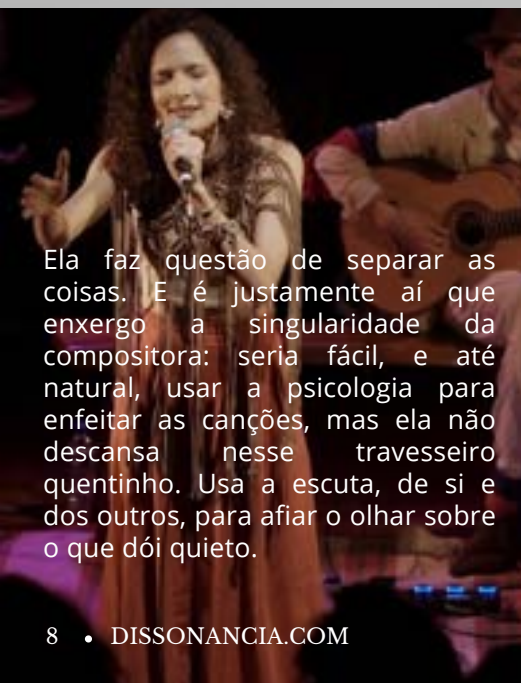
Costurando a Sombra nasce exatamente desse lugar. Nas faixas, Laís usa rios do Nordeste ("Cabe a Mim") como metáforas de reconciliação noturna com o dia vivido.

Em "Costurando a Sombra", as letras vão direto ao ponto: a arte de ser mulher, o nó na linha fina que quase arreventa a espinha, o sentimento de não pertencer nem a si mesma. O álbum inteiro é pura poesia, daquelas que espantam assombros e os costurando na sola dos pés. Não gosto de gastar adjetivos à toa, mas esse álbum merece um "divino", sem dúvida.

Viver de música independente no Brasil cobra caro e traz responsabilidades desafiadoras. A contrapartida dessa responsabilidade toda é a propriedade: ela é dona dos próprios fonogramas. Pode fazer com o trabalho o que decidir. Em 2025, estreou no auditório do Sesc Pinheiros com banda. Dividiu palco com Socorro Lira. Participou do Chiquinha Gonzaga Fest, festival de Santos dedicado ao protagonismo de mulheres na música.



“Quando eu escrevo, eu não escrevo como psicóloga, não tem teoria, tem uma poeta muito desprevenida, às vezes inquieta, às vezes muito contemplativa”



Ela faz questão de separar as coisas. E é justamente aí que enxergo a singularidade da compositora: seria fácil, e até natural, usar a psicologia para enfeitar as canções, mas ela não descansa nesse travesseiro quentinho. Usa a escuta, de si e dos outros, para afiar o olhar sobre o que dói quieto.

Em 2026, inaugurou um show inteiro em homenagem ao álbum "Cantoria" (Elomar, Geraldo Azevedo, Vital Farias e Xangai), mostrando que artista independente pode também ser guardiã de repertório alheio sem abrir mão do próprio. A autonomia é visível e real, dona das próprias escolhas. Entretanto, essa independência vem com a conta.



“Os maiores desafios para mim são tornar a carreira sustentável, financeiramente, estruturalmente, e, também, um acúmulo de muitas funções que a gente precisa assumir”

Nas suas letras enxerguei a reflexão acerca desses desafios. A canção "O Outro do Outro", por exemplo, sintetiza algo que atravessa toda a obra de Laís: a convicção de que o "eu" é uma ficção útil. "É um mar de gente. Eu sou apenas um outro para alguém", ela explica. Isso que parece desconforto existencial é, na prática, uma postura artística: a de quem se desloca deliberadamente da própria perspectiva para enxergar o que está do outro lado. Uma compositora que escreve sobre si mas alcança todo mundo.

Nas suas letras enxerguei a reflexão acerca desses desafios. A canção "O Outro do Outro", por exemplo, sintetiza algo que atravessa toda a obra de Laís: a convicção de que o "eu" é uma ficção útil. "É um mar de gente. Eu sou apenas um outro para alguém", ela explica. Isso que parece desconforto existencial é, na prática, uma postura artística: a de quem se desloca deliberadamente da própria perspectiva para enxergar o que está do outro lado. Uma compositora que escreve sobre si mas alcança todo mundo.

“Tenho a liberdade, por outro lado, de fazer escolhas artísticas que me respeitem.”



É justamente isso que transforma Laís Gomes numa personagem tão importante para esta décima edição da Revista Dissonância. Além da qualidade de suas canções, sua trajetória representa uma mulher que busca viver artisticamente na sua inteireza.

Uma mulher que, ao deixar o divã, escolheu tratar além das dores, escolheu cantá-las, transformando a superação em arte e a arte em liberdade.

A portrait of a woman with curly hair, identified as Laís Gomes, holding a guitar. The background is a lush, green, out-of-focus natural setting. The text is overlaid on the lower half of the image.

Laís Gomes em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Clara Mello

Laís Gomes é psicóloga, professora de canto, letrista, cantautora e produtora dos próprios shows, é o tipo de artista que acumula formações com a mesma naturalidade com que acumula composições. Nascida em Teresina (PI), ela cresceu entre versos do pai e acordes de casa, começou a compor aos treze anos e, desde então, não parou mais, mesmo quando o consultório do SUS ocupava boa parte do dia. Em 2023, trocou a estabilidade da psicologia clínica pela incerteza calculada da música em tempo integral. Conversamos com ela sobre geografias afetivas, parceria criativa e a diferença entre escrever como psicóloga e escrever como poeta.

Dissonância: Você nasceu em Teresina (PI) e mudou-se para São Paulo ainda criança, mas sua música frequentemente evoca imagens geográficas e afetivas do Nordeste. Na canção "Cabe a Mim", você cita os rios São Francisco e Parnaíba. O que você traz daquela época que influencia sua vida até hoje?

Laís Gomes: Depois que a gente se mudou para São Paulo, meus pais, com meus irmãos e eu, a gente viajou algumas vezes para o Piauí, em períodos de férias, principalmente durante a minha adolescência, até os meus 20 anos. E foi nessas viagens para lá, eu já um pouco maior, que eu me lembro de ter tido vontade de carregar comigo um pouco mais desse repertório simbólico e imagético desse estado onde eu nasci, embora já morando tão longe de lá há tantos anos. A cada viagem que a gente fazia para lá, eu reparava em alguma coisa nova, que me encantava e anotava nos meus caderninhos. Então, por exemplo, a minha mãe nasceu numa cidade chamada Amarante, que fica à margem do rio Parnaíba. E eu me lembro de ter estado ali na margem desse rio, pelo menos uma vez, me lembro da cena. Também me lembro de um poema do poeta Da Costa e Silva, que se chama Saudade, muito bonito, onde ele cita o nome desse rio, Parnaíba. Inclusive, meu pai chegou a musicar esse poema. E aí, quando eu fui escrever A Cabe a Mim e fui usar, fui usar essa metáfora da lágrima descendo até o ouvido, como se fosse um rio, eu pensei, se eu for falar de algum rio, vai ser desse, né? E também falei do Rio São Francisco. Numa outra canção minha, inédita, eu falo de Carnaúba. E eu me lembro da cena, indo de carro para Piripiri, que é a cidade natal do meu pai, a gente olhando para a estrada e ao nosso lado, um carnaúbal a perder de vista. Também foi uma cena que me marcou e entrou num verso. Então, eu acho que essas imagens são formas de eu tentar me conectar e tudo isso se dilui na maneira como eu escrevo, na minha imaginação, na minha inspiração.

Dissonância: Vindo de um lar repleto de música e sendo filha de um artista multifacetado, você começou a escrever cedo seus próprios versos. Em que momento você decidiu escrever além das 'poesias desprezíveis' e se tornar uma "cantautora" profissional?

Laís Gomes: Eu acho que essa decisão foi sendo tomada e atualizada em diferentes momentos. Eu lembro de mim na faculdade de

psicologia pensando: "Como é que eu vou fazer para que meu trabalho seja a minha música?" E um tempo depois, trabalhando como psicóloga, eu fui me dando conta do quanto a minha visão do mercado da música estava antiquada, fantasiosa, muito desatualizada. E eu me dei conta de que eu teria que fazer muito mais e que eu teria que fazer alguns movimentos mais radicais. Então, eu me programei para deixar o meu emprego e poder me dedicar muito mais à música, à venda de shows, a trabalhar lançamentos e aprender sobre o mercado da música hoje, que é algo que muda muito e no meio do artista independente tem muitos desafios. Então, eu acho que essa decisão foi se tornando mais concreta, mais instrumentalizada. A minha saída do emprego de psicóloga foi em 2023. Querendo ou não, é um marco para mim de uma decisão de assumir as consequências dessa escolha.

Dissonância: Além de artista, você é psicóloga e já atuou no SUS. O EP "Costurando a Sombra" é descrito como um trabalho confessional que trata da "subjetividade e sofrimento como um sussurro". Na faixa-título, você fala sobre a dificuldade na "arte de ser mulher" e a sensação de não pertencer. Esse "trabalho confessional" pode ser visto como uma forma de análise clínica de suas próprias inquietações?

Laís Gomes: Eu diria que é uma análise poética, se puder colocar dessa forma. Às vezes as pessoas perguntam sobre isso. É lógico que uma coisa influi na outra porque eu sou uma só. Mas quando eu escrevo, eu não escrevo como psicóloga, não tem teoria, tem uma poeta muito desprevenida, às vezes inquieta, às vezes muito contemplativa. Eu fiz 10 anos de análise e sei que ainda vou voltar em algum momento. Também amo fazer atendimentos clínicos, amava discutir casos. E lógico que muita coisa aí no meio disso me inspira sobre os meus processos e sobre as pessoas que eu escuto. Mas, ainda assim, cada coisa tem o seu lugar.

Dissonância: Sua parceria com o violonista João Vasconcelos vem desde 2018, resultando no álbum "Tripas Coração" e, agora, em uma parceria de vida. De que forma essa simbiose pessoal e profissional afeta a sonoridade e a escolha dos temas explorados?

Laís Gomes: A gente aprende muito um com o outro e com o passar dos anos, a gente foi ficando cada vez mais afinados, se entendendo cada vez mais no processo de compor as nossas parcerias. De um lado, ele me ensinou muito sobre escolhas de acordes, harmonia, a relação da harmonia com a melodia. E eu ia falando pra ele sobre as letras, a importância das escolhas dessa ou daquela palavra, os temas, os sentidos, de tal modo que agora estamos compondo uma música nova em que ele tá fazendo a maior parte da letra pela primeira vez. Eu fiz a melodia, ele fez a harmonia, é uma mistura só nossa. E a gente se incentiva muito um ao outro nesses movimentos. Cada um também tem suas criações individuais, mas a nossa busca juntos é sempre para os dois crescerem como compositores.

Dissonância: Na música "O Outro do Outro", você propõe uma reflexão filosófica sobre a identidade: "Sou outra pessoa pra qualquer um e eu somente para mim". Qual é a origem dessa inquietação sobre como somos percebidos pelo mundo?

Laís Gomes: Eu sempre tive uma certa curiosidade e uma abertura com a possibilidade de enxergar um ponto de vista que seja diferente do meu. Como se eu pensasse assim, tá, essa é a minha opinião sobre esse assunto. Agora eu vou deixar ela de escanteio e vou imaginar, se eu estivesse no lugar daquela outra pessoa que pensa daquele jeito, qual seria a minha história de vida para que eu pensasse assim? Ou então, se eu tivesse que discordar de mim mesma, quais seriam os argumentos? Isso vai me ajudando a me deslocar de quem eu sou momentaneamente. Como se por um momento eu, essa pluralidade de visões de mundo por si só formassem uma obra, um quadro, vamos supor. Eu tô diante desse quadro, observando as suas texturas, as suas cores, as suas contradições. E na "O Outro do Outro", eu acho que eu dou um passinho a mais nessa minha viagem, porque é como se a própria palavra eu por si só pudesse ser paradoxal nessa brincadeira que eu faço na letra, mas que é uma brincadeira séria também, porque afinal não costuma ser muito confortável pra gente constatar a nossa insignificância numérica como indivíduo. E a música tá dizendo, olha, é um mar de gente. Eu sou apenas um outro para alguém.

Dissonância: Você passou a se dedicar exclusivamente à música em 2023, produzindo seus próprios shows e circulando por unidades do Sesc e festivais. Quais são os maiores desafios e as maiores liberdades de ser uma artista independente no Brasil atual?

Laís Gomes: Os maiores desafios para mim são tornar a carreira sustentável, financeiramente, estruturalmente, e, também, um acúmulo de muitas funções que a gente precisa assumir como artista independente, pensando na nossa produção, na nossa divulgação, em várias frentes. E tenho a liberdade, por outro lado, de fazer escolhas artísticas que me respeitem, também a liberdade de ser dona dos meus fonogramas, poder fazer com eles, com minha obra, aquilo que eu decidir. E quanto mais liberdade, mais responsabilidade também. Então, vou seguindo nessa balança. Mas acho importante comentar que eu me dedico majoritariamente à música. A psicologia, assim como algumas aulas de canto que eu dou, ainda ocupam um pequeno espaço no meu dia a dia. É como uma transição lenta, que já teve passos grandes, importantes, mas que ainda existe. Nessa transição, a psicologia e as aulas de canto já ocuparam um lugar muito maior. E cada vez ocupam um lugar mais secundário, e os meus shows, as minhas produções, meu trabalho autoral, artístico, ganha mais destaque e ocupa mais o meu dia a dia.

Dissonância: O que podemos esperar para 2026?

Laís Gomes: Eu procuro estar sempre fazendo shows, a cada ano um pouco mais, ter esse contato direto e presencial com o público, ganhar tempo de estrada, experiência e fazer disso a estrutura do meu trabalho. Então, quem me acompanhar, vai me ver falando de show, divulgando show e vai ter oportunidade de me assistir ao vivo, dependendo de onde estiver, para mim, vai ser uma alegria. E além dos meus shows autorais, esse ano, mais do que de costume, eu tenho me dedicado a algumas referências musicais minhas, que eu carrego comigo desde muito tempo. Então, criei um show em homenagem ao álbum Cantoria, do Elomar, Geraldo Azevedo, Vital Farias e Xangai, que na verdade, são dois volumes, Cantoria 1 e Cantoria 2. Estreamos esse show em São Paulo, vamos passar por Vitória da Conquista agora em junho, temos data no segundo semestre pra Campinas e seguimos tentando marcar mais. Também tenho feito em unidades do Sesc, um show onde eu homenageio diversos autores e autoras nordestinas, mas mesmo nesses shows você vê ali a Laís cantora, tem sempre algumas outras canções minhas no meio. E para além disso, tenho muita música nova, eu tô sempre compondo. Acredito que para além de 2026, venha um novo trabalho, um novo álbum, é algo que eu já tô sonhando aqui e que o João tá sonhando junto comigo. Claro que tem todo um planejamento, todo um processo para se chegar num novo trabalho, assim, mas eu diria que a fase preliminar desse processo já tá acontecendo aqui nos bastidores. E conforme as coisas vão acontecendo, eu gosto muito de ir conversando com as pessoas que me acompanham, compartilhando nas minhas redes. Então, quem me acompanhar, vai saber, tintim por tintim.

**OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO
PORTAL DISSONÂNCIA**



[CLIQUE AQUI](#)



**ESTÁ
CHEGANDO A
PLATAFORMA
QUE VAI
MUDAR O
JEITO COMO
VOCÊ
DIVULGA
SUA MÚSICA**

PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

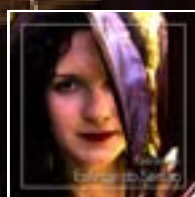
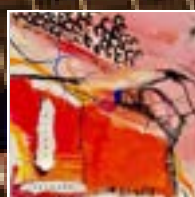
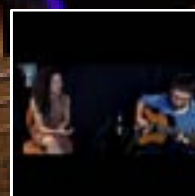
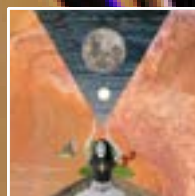
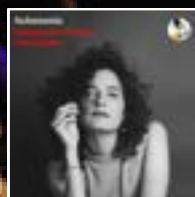
LAÍS GOMES

Nascida em Teresina (PI) e levada para São Paulo aos cinco anos, Laís Gomes cresceu num lar onde a música circulava por todos os cômodos, graças ao pai músico, escritor e ator. Começou a escrever versos ainda criança e, aos treze, virou compositora, quase por acidente, quase por inevitabilidade.

Optou pela psicologia na universidade, se formou, atuou no SUS, e fez tudo isso sem abandonar os cadernos de letra. Em 2019, já recém-formada, lançou com o violonista João Vasconcelos o álbum "Tripas Coração". No ano seguinte, venceu o concurso de letristas promovido por Francis Hime entre mais de 500 candidatos, tornando-se parceira do compositor na canção "Terra e Céu". Em 2023, deixou o consultório para dedicar-se à música em tempo integral, assumindo também a produção dos próprios shows.

Seu trabalho transita entre MPB, milonga, folk e regional, com letras que tratam de identidade, pertencimento e a tal "arte de ser mulher", sempre sem condescendência consigo mesma. O EP "Costurando a Sombra" (2024), gravado apenas com voz e violão, é o registro mais íntimo dessa voz, que prefere dar forma ao incômodo antes de tentar resolvê-lo.

Dona dos próprios fonogramas e em gestão plena da carreira, Laís circula por festivais, unidades do Sesc e palcos independentes pelo Brasil, acumulando estrada enquanto um novo álbum já se desenha nos bastidores.



REDES SOCIAIS



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA
LAÍS GOMES NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

EUS

Por Anderson Schiavi

Quantos eus temos dentro de nós?
Quantos medos temos dentro de nós?
Quantas dúvidas temos dentro de nós?
Quantos serás temos dentro de nós?
Quantas desistências temos todos os dias?
Quantos lugares que visitamos dentro de nós todos os dias?
Há os lugares dos amores, das dores, do choro, do arrependimento e das alegrias.
Quantas alegrias e conquistas deixamos para comemorarmos depois?
Por medo, insegurança, vergonha ou por falta de coragem?

Quando assumiremos nós mesmos?
Quando seremos verdadeiros?
E não simplesmente somente fantoches de nós mesmos?

Quando tempo viveremos nos escondendo, da dor, da alegria e do riso?
Porque só o que dói é que vale a pena?
Porque o triste é sempre mais alegre?
Quando viveremos a verdade conosco mesmo?
De saber que não adianta nos escondermos de quem somos.
Porque no fim do dia é os EUS que teremos que enfrentar.
Para vermos qual venceu e qual perdeu.



Lucas Felix A Arte de Amolecer o Coração Alheio

Por Natália Benevides

No dia 29 de abril deste ano, Lucas Felix lançou "Todas as Canções", um álbum com oito faixas autorais produzidas por Dadi Carvalho e gravadas no estúdio Nas Nuvens. Dadi é o mesmo cara que já trabalhou com Novos Baianos, Barão Vermelho, Caetano Veloso e Marisa Monte, então a expectativa era alta. E o disco atendeu às expectativas do público, porque Lucas entendeu o que muitos artistas independentes nem sequer vislumbram: não precisa gritar para ser ouvido.

Ouvi com atenção toda a discografia do Lucas, esse cara finalmente parou de se preocupar e resolveu cantar.



Lucas Felix (2013)

Cantava antes, claro, e muito bem. Mas havia uma tensão nos discos anteriores, uma espécie de "preciso mostrar que sei fazer isso" que agora deu lugar a algo mais solto.



Divulgação do show de lançamento do primeiro CD

Lucas tem 12 anos de estrada, começou em Niterói com um mochilão pela América Latina como combustível, gravou o primeiro álbum, "Céu de Poesias" (2013), antes mesmo de fazer um único show e (aliás, ele fez o show de estreia no Bem Dito Steak & Burgers Co, em Niterói), desde então, vem construindo uma carreira na base do violão e da teimosia.



O niteroiense, que hoje mora no Rio e já cogita aceitar o nome "joelho" para o pastel de feira carioca, o que diz muito sobre o nível de integração dele com a cidade, tem mais de uma década de estrada e uma discografia que inclui homenagem a Gilberto Gil, EP gravado na pandemia com Mariana Aydar, Mestrinho e o saudoso Letieres Leite, e o álbum Canto Que Vem do Mar (2023), que rendeu faixas com mais de um milhão de visualizações no

YouTube. Ou seja, o cara não é novato e o "Todas as Canções" traz esse resultado e ensinamento: confiar no próprio instinto.

O Disco



"Todas as Canções" começa dentro de casa, com "Em Casa", e termina nas ruas, com "Avenidas". No meio, passa pelo amor familiar, pela retomada de perspectiva em "Cada Passo", por reencontros atravessados pela maturidade em "Lugar e Tempo", pela música como abrigo na faixa-título, pelo desejo em "Deleite" (com Gabi Monteiro nos vocais) e pela ansiedade tratada como personagem em "Vamos Juntos". Lucas transformou ansiedade em par romântico:

"Eu peguei e dei uma humanizada nessa ansiedade, transformei num par romântico, fui conversar com ela pra gente caminhar junto e não ela sair correndo na minha frente."

E olha, funcionou!

“Vamos Juntos” virou uma das faixas que mais cresce em streaming, e a razão é simples: a música faz parecer que está falando de amor, e está. Lucas pegou um tema que costuma ser tratado com peso e transformou em algo que você quer ouvir numa tarde qualquer.



Dadi Carvalho

A produção de Dadi Carvalho é o elefante na sala, e vale falar sobre ela sem cerimônia. Antes disso, Lucas gravava em produções caseiras, cada músico no seu home studio, cada parte chegando por arquivo. O Dadi trouxe algo que Lucas nunca tinha conseguido: gravar com todos os músicos juntos, no mesmo estúdio, ao mesmo tempo. “Eu nunca tinha conseguido fazer isso. Sempre foram produções caseiras, os músicos cada um gravando da sua casa”, explica. Dadi chamou Marcelo Costa na bateria e percussão, Alberto Continentino no baixo, Rodrigo Tavares nos teclados, Canequinha no violão e guitarra e Antônio Neves nos arranjos de metais. Três dias de estúdio, praticamente tudo ao vivo. O resultado soa como uma roda de amigos tocando numa sala, porque foi exatamente isso.



A faixa-título, “Todas as Canções”, e a faixa final, “Avenidas”, foram escritas em 2018, junto com o compositor Iolme. Ele guardou essas músicas por anos sabendo que elas tinham uma história para contar juntas (eu queria ter essa paciência pra esperar). Hoje em dia todo mundo solta single a cada dois meses para alimentar algoritmo. Lucas fez o contrário: esperou o momento certo.

É sincero. Lucas não está atrás de ser o compositor mais original do planeta. **“Se eu quiser soar o cara mais original do mundo, nem penso nisso”**, afirma. Ele quer se comunicar.

“Eu quero mandar a minha mensagem, que ela tenha poesia, mas que ela chegue nas pessoas.”

Uma conversa com Lucas Felix

Lucas define seu trabalho como **“realismo otimista”**. Perguntei como ele equilibra falar de amor sem cair na autoajuda. A resposta veio direta:

“Eu tento usar metáforas e outras figuras de linguagem para dizer coisas que eu quero dizer, para fugir desse lugar de música de panfleto, de autoajuda. Mas ao mesmo tempo busco não ser rebuscado demais. Eu gosto de fazer música popular, gosto da compreensão fácil.”



Sobre as referências, ele cita Beatles ao lado de Gilberto Gil, a explicação é prática, é a partir desse diálogo que Lucas pensa o próprio som:

“O Gil lá atrás, quando ele fala pro Caetano que Beatles e os Pifanos de Caruaru são a mesma coisa, eu tento sempre manter essa ideia na minha cabeça.”



Baião de 2222 (2024)

No disco Baião de 2222, pediu ao guitarrista Canequinha que tocasse “Deixar Você” como se fosse o John Mayer conversando com Gil. Funcionou.

Os perrengues

A vida de artista independente reserva cenas que ficam engraçadas na retrospectiva. Ele mesmo contou que esqueceu o setlist escrito à mão antes de um show, pegou um caderno emprestado e improvisou.

Levou violão, cabo, capotraste, mas deixou o papel do lado do sofá. “É a vida do artista independente”, resume. “A gente tá pensando em mil coisas”. E quando pergunto se ele já se sente seguro no palco: “Hoje você pode me soltar em qualquer palco, qualquer lugar, que eu me viro.”



O resumo da ópera

Se você quer um resumo do que o disco propõe, a última frase de “Avenidas” serve: “para mostrar que o amor não está nem perto de morrer, pois só faz florescer”. É moleza demais? Talvez. Mas depois de ouvir o álbum inteiro, a frase já não soa como um clichê, é mais como uma constatação.

Que fique claro que o Lucas não está se propondo a inventar um gênero novo, ou reinventar a roda, ele está fazendo MPB e trazendo letras que fazem sentido. Aqui pela Dissonância já passaram vários artistas tentando ser o próximo grande revolucionário da música, ele parece ter descoberto que ser honesto já é bastante difícil. E, por isso mesmo, já é bastante.

A close-up portrait of a man with dark, wavy hair and a full beard, looking directly at the camera. He is wearing a dark jacket over a black shirt. The background is blurred with blue and white light bokeh.

Lucas Félix em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Natália Benevides

Lucas Félix é cantor e compositor niteroiense com mais de uma década de carreira independente. Transitou por homenagens a Gilberto Gil, gravou ao lado de Mariana Aydar, Mestrinho e Letieres Leite, e acumulou milhões de plays sem abrir mão da autogestão. Em abril de 2026, lançou Todas as Canções, produzido por Dadi Carvalho, com oito faixas que partem do amor doméstico e chegam nas ruas. Conversa com a Dissonância sobre o disco, a ansiedade como personagem e a arte de não esquecer o violão em casa.

Dissonância: Você define seu trabalho como “realismo otimista”. No *Todas as Canções*, o disco começa dentro de casa, em “Em Casa”, e deságua nas avenidas. Como foi equilibrar essa expansão do íntimo para o coletivo sem cair no discurso de autoajuda ou no panfleto?

Lucas Félix: Hoje em dia, vem com muita naturalidade essa composição mais fluida. Eu já tenho um jeito que eu venho com os anos pegando uma característica de composição, principalmente de letra. E eu tento usar metáforas e outras figuras de linguagem para dizer coisas que eu quero dizer, para fugir desse lugar de música de panfleto, de autoajuda. Mas ao mesmo tempo eu busco não também ser rebuscado demais. Eu gosto de fazer música popular, então eu gosto da compreensão fácil. Então, tem uma ideia, tem uma poesia, tem uma coisa acontecendo, mas é tudo fluido, tudo é fácil de, de, de entender. E eu acho que hoje em dia eu tenho muita naturalidade já nessa maneira de compor. Mas lá no início eu penava mais para encontrar esses caminhos. Eu acho que hoje é mais maturidade, mais leitura, mais escuta também. Eu acho que hoje flui muito mais tranquilo.

Dissonância: Dadi Carvalho, com toda a bagagem dos Novos Baianos e Barão Vermelho, assinou a produção. O que ele trouxe de concreto para o som que você não conseguiria sozinho, e em que momento você disse “não, aqui eu quero do meu jeito”?

Lucas Félix: A relação com o Dadi foi a melhor possível, foi um aprendizado em diversos níveis. Não teve nenhum momento que eu falei, “não, aqui é assim”, porque eu já cheguei com as músicas, os caminhos prontos quando eu fui mostrar as músicas para eles, eu acho que a ideia estava toda ali já, eu só precisava que o Dadi traduzisse, e ele traduziu brilhantemente. A nossa conexão foi muito rápida e muito fácil. Não é à toa que eu apresentei as músicas para ele, a gente, um mês depois, já tava no estúdio, ele chamou os músicos e a gente em três dias

gravou o disco, todo mundo ouvindo assim, uma vez, e vamos embora. E eu acho que isso que foi que eu consegui com ele de diferente, foi uma compreensão musical muito fácil, uma sabedoria ali que faz as coisas, vou de novo usar a palavra “fluidez”, mas eu acho que é isso, tudo fluiu muito fácil. Eu acho que os músicos que ele trouxe também foram muito, só agregaram maravilhosamente bem, Marcelo Costa na bateria e percussão, o Continentino no baixo, o Tavares que já vinha, já gravava comigo há muito tempo, nos teclados. Eu trouxe o Canequinha no violão e guitarra, o Veloso também gravando baixo. Mais um monte de coisa legal e também poder gravar no Liminha, nas nuvens, foi também um toque do Dadi, das amizades do Dadi. E trouxe uma energia, porque a gente podia estar todo mundo dentro do estúdio gravando. Eu nunca tinha conseguido fazer isso, sempre foram produções caseiras, os músicos cada um gravando da sua casa, no seu home studio. Então poder estar todo mundo junto, integrado e criando ali na hora foi mágico e, para mim, foi uma experiência incrível.

Dissonância: O álbum se costura em torno do amor (familiar, romântico, social). Qual faixa foi a mais difícil de parir e por quê? E qual você suspeita que o público vai entender de um jeito que nem você previu?

Lucas Félix: Bom, a faixa mais difícil de parir, eu acho que foi “Lugar e Tempo”, porque foi a mais visceral talvez. É, de momento que eu tava, enfim, do que eu tava sentindo, do fim de um certo relacionamento e de umas coisas que estavam acontecendo. E as outras canções são um apanhado de canções que eu fui fazendo ao longo de um tempo, tanto sozinho quanto com o Iolme, que é outro compositor. Que tem quatro faixas nesse disco comigo, meu amigo. E a gente já vinha citando esses amores sociais em algumas músicas, e eu fui guardando, sabendo que elas teriam uma história pra contar juntas. “Todas as Canções” e “Avenidas”, por exemplo, são de 2018. São canções que eu fiz muito próximo lá de data com o Iolme. Uma época que a gente

tava meio desesperançoso das coisas, principalmente no Brasil, que estavam acontecendo, e como que a gente poderia transpor isso. E a música que tem me surpreendido bastante é “Vamos Juntos”, porque é uma canção bem lado B pra mim. Que eu fiz, acho que ano passado ou retrasado. Acho que foi ano retrasado. E eu fiz a partir de um relato de uma pessoa que eu adoro, contando sobre a ansiedade dela e sobre até um relato de taquicardia. E eu fiquei muito preocupado com aquilo e quando eu cheguei em casa, eu relatei com as minhas próprias ansiedades, e, mais uma vez, usei de uma figura de linguagem, talvez uma prosopopeia, eu acho. Que eu peguei e dei uma humanizada nessa ansiedade, transformei essa ansiedade num par romântico. Eu fui conversar com ela, com essa ansiedade, pra gente caminhar junto e não ela sair correndo na minha frente. Mas, enfim, ficou uma música como um relacionamento amoroso. E a gente quando foi pro estúdio, ela não tinha, era que eu menos tinha ideias, assim. A gente foi muito freestyle lá, e os músicos gravaram tudo junto ao mesmo tempo, tocando e sentindo a música. Ainda, que o final dela, ela vai sendo levada, porque os músicos não quiseram parar de tocar, foram levando, eu fui deixando e adorando, assim, sabe? Ela foge desse mercado pop em questão de, até de tempo de música, né? Porque foi isso, foi uma coisa muito orgânica sendo criada ali, e eu acho que essa energia tá passando pras pessoas, eu acho que é uma música que tá indo mais alto do que eu imaginava, e eu tô feliz demais com isso.

Dissonância: O disco tem referências diversas, inclusive estrangeiras como The Beatles. Como as influências estrangeiras se entrelaçam com sua raiz MPB sem virar uma cópia mal disfarçada?

Lucas Félix: Essa questão de referências, eu acho que vai muito de artista pra artista, de músico pra músico. Eu tento ouvir, aprender quem está a minha volta. Eu acho que o grande segredo de qualquer sucesso é você se cercar de pessoas melhores que você, que vão te trazer

mais coisas, então eu gosto sempre de estar perto de músicos que são gênios na minha opinião, que pensam de maneiras diversas. E, enfim, e eu gosto muito de ouvir coisas que o Gil diz, por exemplo, que é, meu guru maior. Então, o Gil lá atrás, quando ele fala pro Caetano que Beatles e os Pífanos, a banda de Pífanos de Caruaru, são a mesma coisa, eu tento sempre manter essa coisinha na minha cabeça ali, que foi, foi assim que surgiu a ideia do Tropicália lá. E eu acho que é mais ou menos essa linha de pensamento que eu tento levar. Eu tento, por exemplo, quando eu gravei o disco *Baião de 2222*, que foi uma homenagem a Gil, eu cheguei pro Canequinha, e falei, "Canequinha, eu quero muito gravar *Deixar Você, do Gil*", que é uma música para mim linda, e nesses saxofones que tem aqui na versão original, eu escuto uma guitarra do John Mayer. Então, como seria o John Mayer conversando com o Gil? Então a gente já criou a partir dali, e o Canequinha, brilhantemente, entrou nesse lugar, e trouxe as suas próprias ideias, influências, mas pegando essa referência de como seria essa conversa. Então, eu tento sempre fazer muito essas pontes, e a MPB está enraizada em mim. Então as influências vão estar aqui com muita naturalidade. Eu tento buscar esses outros elementos, outras coisas, principalmente para esse disco, que trouxesse uma novidade sonora, mas também fosse uma coisa que entrasse com facilidade na cabeça das pessoas. Então é isso. Eu acho que Beatles sempre foram muito, muito, muito inteligentes nisso, de fazer coisas complexas e sim, parecerem simples e tal. Gil também, enfim, eu acho que é mais ou menos isso. É saber escutar, se cercar de pessoas fodas, é isso.

Dissonância: 'Todas as Canções' é um disco de amor que vai do lar para a rua. Se você pudesse escolher uma única frase para resumir o que quer que o ouvinte leve depois de ouvir o álbum inteiro, qual seria?

Lucas Félix: Essa coisa de escolher uma frase, sempre escolher uma coisa me deixa muito mal. Eu gostaria de dizer um monte de coisas, mas acho que a última frase do disco, de "*Avenidas*", eu acho que é, para mim é mais importante, que é "para mostrar que o amor não está nem perto de morrer, pois só faz florescer". Eu acho que o disco é essa a ideia, que a gente amoleça um pouco a dureza da vida adulta e lembre que nós temos muito amor, nós somos amor, viemos do amor. E, às vezes, essas pressões que a gente

vive hoje em dia e esse mundo doido que faz a gente se individualizar, se esquecer um do outro, faz a gente endurecer, e eu acho que a ideia do disco é que a gente amoleça um pouquinho os nossos corações.

Dissonância: Com mais de uma década de estrada, o que ainda te tira do lugar e te faz sentir que precisa provar algo ou fazer algo diferente? Ou já chegou no ponto em que a cobrança maior vem de dentro?

Lucas Félix: A minha cobrança maior sempre veio de dentro, desde o início, desde antes. Desde que eu me entendo por gente, acho que eu sempre fui a pessoa que mais me cobrei, mas eu acho que hoje eu tô mais relaxado em questão ao que pode vir a ser, o que vai ser da vida. Eu já estive muito mais pra baixo. Já estive muito mais incerto de um monte de coisa. Isso refletia na minha, na minha falta de conseguir compor até. E hoje eu tô buscando uma leveza. Claro que volta e meia, ser artista no Brasil é complicado. Então a gente tem muita dificuldade de fazer show, de qualquer conexão maior que a gente tenta, e às vezes vai empacando, vai empacando, aquilo vai te dando uma, vai te dando uma endurecida, na verdade, vai te deixando um pouco pra baixo. Mas eu tenho, tipo, não pensado nisso. Eu quero, a questão de vibrar com o que eu quero dizer no disco. Então eu preciso estar me convencendo em primeiro lugar. Então, eu acredito no que tá escrito no disco, no que tá composto no disco, eu acredito nas canções do disco. Eu acredito nos arranjos. Então isso tudo tá me dando muita leveza pra encarar. Eu acho que é assim que eu quero levar pra sempre agora. Sem me preocupar, se eu quero soar o cara mais original do mundo, nem penso nisso. Se eu quero parecer brilhante numa letra, não, eu quero mandar a minha mensagem, que ela tenha poesia, mas que ela chegue nas pessoas, e que as pessoas captem essa energia que eu quero passar. É isso, eu quero me comunicar, transmitir amor e receber amor. Basicamente é isso.

Dissonância: Você esqueceu o setlist escrito à mão antes de um show, improvisou com caderno emprestado e sobreviveu. A vida de artista independente no Rio ainda reserva perrengues assim ou o violão já aprendeu a navegar melhor nas marés?

Lucas Félix: Ah, isso aí é porque a vida do artista independente é assim mesmo. A gente tá pensando em mil coisas, criando mil coisas. Fazer um

show envolve um monte de coisa que a gente, às vezes, não tem. Por exemplo, esse show, que foi um show menor, não tinha nenhuma, ninguém de produção, foi tudo o Bernardo e eu que fizemos. O Bernardo cuidou da parte estrutural do show, de acontecer, convidados, enfim, a noite acontecer, e eu cuidei de toda a parte musical, da direção, escolher o repertório, enfim. Que que a gente vai, como é que vai ser essa noite, combinar com os músicos, acertar tudo, enfim. Então, é muita coisa na cabeça que fica. Eu acho que todo artista independente passa por isso. E aí acontecem algumas coisinhas dessas, tipo, esquecer o repertório. E eu gosto de escrever o repertório à mão sempre, justamente por isso. Porque quando a hora que eu vou escrevendo o repertório, eu vou sentindo o show, vendo o show. Então, quando eu tô escrevendo ele ali, às vezes, eu mudo uma música de lugar com a outra, porque eu senti que não, a história aqui tá indo por esse caminho, tal. E aí esquecer faz parte. Deixei do lado do violão, peguei o violão, pelo menos eu lembrei do violão. E na hora a gente improvisa. Acontece essas coisas assim, mas é mais porque a gente, às vezes, tá tendo que lidar com mais coisas para além do show. Se eu tivesse só que cuidar do show, eu acho que seria muito mais tranquilo. Mas o violão também já aprendeu a navegar bastante. Eu acho que hoje, pra várias coisas, eu sinto, me sinto muito mais seguro, inclusive, com o próprio violão. Eu acho que hoje você pode me soltar em qualquer palco, qualquer lugar, que eu me viro. Então, mas antes já passamos por diversos perrengues, diversas inseguranças que eu acho que a maturidade, o caminho, a vida vão te amadurecendo, e a gente segue.

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA



[CLIQUE AQUI](#)

Enquanto Você Olhava Longe

Uma canção de Val Porto

*Você andou tão longe
Pra encontrar algum sinal
E deixou apodrecendo
O que havia de real*

*Trocou o rosto dos teus
Pela fumaça da estação
Procurando no horizonte
O que dormia em tua mão*

*Vive correndo o mundo
Sem perceber o redor
Tem gente perdendo a vida
Pra descobrir o que já foi amor*

*Não há milagre na estrada
Nem resposta no clarão
Às vezes o que te salva
Morreu dentro da tua casa
antes da canção*



Vitor Edu - O Tempo

Vitor Edu lançou, em 21 de janeiro de 2026, o single "O Tempo".

O instrumental é simples, mas muito bem encaixado. A harmonia se repete algumas vezes, o que dá a impressão de a música ser mais longa do que realmente é. O solo de violão no meio da música é maravilhoso, me deu até vontade de dedilhar algumas notas.

A canção que funciona como uma espécie de confissão incompleta: alguém que sabe o que errou, mas ainda espera sem agir.

Vitor Edu já musicou o poema "Amanhã É Outro Dia" da Val Porto, a poetiza desta ilustre Revista, confesso ter gostado um tantinho a mais dessa releitura. Mas "O Tempo", sem dúvida, é uma música para nos fazer refletir, é preciso estar em paz e sem pressa para sentir todas as nuances da música.



Who To Follow - Quit Now

A banda carioca Who To Follow (WTF) lançou em 14 de agosto de 2025 o EP "Quit Now", composto pelas faixas "Quit Now" e "Furthermore". As duas músicas chegam acompanhadas de animações criadas por Jean Machado, artista que já havia assinado o clipe de "You", primeiro trabalho visual do grupo.

No release oficial da banda ela se descreve como "Uma banda que toca algo mais ou menos parecido com rock". Mas as guitarras não mentem: é rock puro, brabo e do bom. A masterização me fez lembrar daqueles bolachões dos anos 70, adorei.

Formada por Marcelo (guitarra e vocais), Bea (baixo e vocais) e Artur (bateria), a Who To Follow circula pelo underground carioca com passagens pelo Garage, Audio Rebel e Centro Cultural Diversa.



Voidstorm Black - Riders of the Broken World

Voidstorm Black estreia com visão de colapso total. Escondam seus crucifixos e tragam a vela preta porque agora vamos falar de Black Metal.

O que dizer desse álbum: puta que pariu!! Que disco foda! A banda de Guanambi, na Bahia, entregou dez faixas que percorrem corrupção da fé, devastação nuclear e vazio filosófico sem pausa para respirar.

"Riders of the Broken World" saiu em 1º de maio de 2026 e apresenta uma banda com identidade formada: o universo do álbum é o da ruína humana em todas as suas dimensões, do colapso espiritual à opressão social, construído com consistência, do início ao fim.

Além da música principal, quero destacar a faixa "Apocalyptic Ascent", assinada por Nathan Santana e Leonardo Meireles. Guitarra mais pesada que o tridente do capeta com um vocal arrepiando até os cabelos do nariz (eu ia dizer de outro lugar, mas esse horário ainda tem criança na sala)



Meverick - Meu Amor Por Você

Quem viveu os anos 80 e 90 sente uma energia diferente! E o Meverick sabe muito bem disso, por isso ele lançou seu primeiro single para tentar trazer um pouco dessa ideia nostálgica da época de Hi-Fi, rolês com a galera e aquele rock nacional no talo.

O single funciona como carta de apresentação para quem cresceu ouvindo aquele rock e ainda carrega isso no ouvido. A letra é puro suco de amor oitentista. O solo de guitarra assinado pelo guitarrista Leonardo Espírito Santo é perfeito, é o ponto alto da gravação, limpo e preciso onde tudo o mais respira nostalgia.

A produção é dirigida pelo próprio Meverick com co-produção de Rodrigo Oliveira (Baterista). A única observação construtiva que tenho a fazer é em relação à masterização, um ajuste fino faria diferença real no resultado. As distorções vocais que evocam aquele calor analógico dos anos 80 ficaram num meio-termo: nem brutas o suficiente para virar estética, nem equilibradas para soar intencionais.

O lançamento veio acompanhado de um clipe que já está disponível no YouTube.



RELEASES



OXE - Voando Baixo

A banda OXE lançou em 26 de maio de 2026 o single "Voando Baixo", uma música curtinha, com um pouco mais de dois minutos, e que me deixou a sensação de querer continuar ouvindo. Mas ela tem a extensão correta, talvez se ela tivesse mais um minutinho perderia a graça.

O refrão me trouxe de volta a lembrança daquele reggae rock dos anos 90. Por pouco eu não sai pulando pela casa, voando baixo. O vocal do Bruno continua bem encaixado, senti um pouco a falta de um drive mais raivoso em alguns momentos. Mas eu sei que nos shows ao vivo, esse drive vem naturalmente.

Esse é, sem dúvida, um dos melhores lançamentos de maio. Agora nos resta aguardar os vídeos do Bruno e suas dancinhas no Instagram, bem animado como um reel deve ser, eu sempre acabo assistindo duas vezes.

"Voando Baixo" chega como um dos destaques de maio, e reforça a identidade da banda formada por músicos alagoanos e pernambucanos, hoje baseada em São Paulo.

O single já está disponível em todas as plataformas digitais.



Flávio Duin - Ao Vivo na Rádio Barretão

Flávio Duin lançou, em 3 de maio de 2026, o disco "Ao Vivo na Rádio Barretão".

O Flávio é parte essencial da cultura do município Comendador Levy Gasparian (RJ). Chegou a ganhar uma placa comemorativa instalada no Monte Serrat, um ponto turístico da cidade, banhado pelo Rio Paraibuna na divisa com Minas Gerais. Isso depois que ele compôs a música "Domingo De Manhã", uma homenagem ao local. A música virou uma espécie de hino do ponto turístico.

Mas voltando ao novo lançamento do Flávio. Aqui nesta sessão de releases buscamos devolver uma análise sincera e construtiva. Por isso, tenho algumas considerações sobre esse disco: violão muito bem executado, letras maravilhosas e originais (todas, sem exceção), harmonia encaixando como uma luva, mas a voz deixou a desejar. Talvez porque tenha sido ao vivo numa rádio, onde é mais difícil se soltar, mas o fato é que o vocal ficou um pouco preso. Quando ouvi a introdução da primeira música, preparei o espírito para algo grandioso, mas no lugar veio uma voz tímida.

Que fique claro que isso não diminui em nada o talento do cantor. Flávio é um excelente compositor e tem tudo para se tornar um dos grandes nomes da música brasileira. Aguardemos.



Medyna Sol - Meu Amanhecer

Medyna Sol lançou seu primeiro EP em 11 de maio de 2026. Três faixas, um marco: a mudança de nome artístico que antes era apenas Medyna, e o "SOL" assumido como núcleo conceitual do projeto.

A faixa de abertura, "Meu Amanhecer", registra os renascimentos do cantor. As duas seguintes já circulam: "Poético (Sou o Sol)", lançada como single em abril de 2026, com influência de R&B, fala sobre resistência e permanência; e "Na Sua Mente", de março, pop com referências de funk carioca, é desdobramento direto da anterior, isto é, o mesmo Sol, agora dentro da cabeça de quem o subestimou.

A voz de MEDYNA SOL é trabalhada intencionalmente com autotune e distorções, sendo uma escolha estética deliberada, como parte de uma sonoridade que cruza pop, funk e MPB.

O EP abre uma nova fase na carreira, quiçá na vida, do cantor. Mas ainda é incipiente. Aguardemos os novos lançamentos para ver como o desenrolar do projeto.



Daltro - Jorge

"Jorge" é o primeiro lançamento do cantor Daltro e abre o caminho do cantor no mundo artístico independente: ônibus lotado, café quente, beijo no filho, e São Jorge como escudo invisível no bolso.

A faixa foi lançada em 23 de abril de 2026 e traz uma letra exploratória do cotidiano urbano e traz a fé se sobrepondo às intempéries do dia-a-dia. A espiritualidade aparece encostada nas coisas pequenas, nos ritos de quem sai cedo e volta com o corpo reclamando, mas a vontade intacta.

A produção respeita a voz de Daltro, grave e próxima, construída para funcionar a centímetros do ouvinte. Entre o R&B contemporâneo e a MPB moderna, a sonoridade cria uma atmosfera noturna mesmo num dia que começa antes do sol.

Primeiro lançamento, sem shows marcados. Daltro prefere construir base antes de palco. "Jorge" é o começo disso.



RELEASES

RAIO-X DO ÁLBUM



QUANTO TEMPO TEMOS? A Diva Pop Tem Nove Respostas

Por Fábio Drummond



A Diva Pop é uma banda de pop rock autoral de São Paulo formada por cinco músicos que dividem, entre outras coisas, a convicção de que compor é mais interessante do que copiar. Karine Lisboa cuida do vocal principal e da maior parte das letras; Diogo Alves assina as guitarras, as bases instrumentais e algumas composições; Matheus Ramos, Jenifer Gomes e Damir Godinho completam a formação no baixo, teclados e bateria.

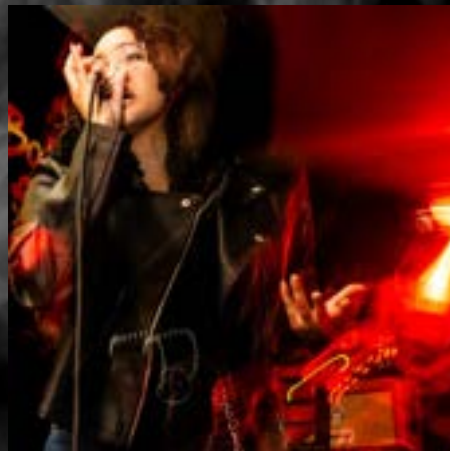


Foto: Everton Luis Almeida

O que une esses cinco, além de ensaio, cachê baixo e a fé na música autoral numa cidade de dez milhões de pessoas, é um disco gravado, produzido, mixado e masterizado por Ernani Barbosa, na Casa do Ernani Barbosa. A ficha técnica tem um único nome repetido em quatro funções, o que ou é sinal de eficiência absoluta ou é a descrição mais honesta de como a música independente funciona no Brasil (provavelmente as duas coisas). "Quanto Tempo Temos?" é o resultado: nove faixas autorais, formatado com uma pergunta no título que a banda obviamente não pretende responder.

Existe um fio invisível atravessando as nove faixas de "Quanto Tempo Temos?": a percepção de que o presente escorrega entre os dedos enquanto a gente ainda está tentando entendê-lo. O tempo, aqui, é assunto sério demais para ser tratado com leveza, e leveza demais para ser tratado com solenidade. Entre Karine Lisboa, letrista de vinte e poucos anos, e Diogo Alves, letrista de quase quarenta a mais, o álbum se constrói como um diálogo entre quem ainda está formando opinião sobre o mundo e quem já formou (eu acho), já refez e já está revisando de novo. O resultado é um disco que fala de escola, ditadura, redes sociais, amor, morte e indignação. Então, mãos à obra e vamos passar um Raio-X nesse disco e ver o que temos em cada faixa.

1. Quanto Tempo Temos?



Karine Lisboa

A faixa que dá nome ao álbum é também sua declaração de intenções. Karine Lisboa escreve a partir de um daqueles momentos em que o fim de uma fase (o ensino médio, uma banda, um ciclo) faz o chão ceder um pouco. A música não responde à pergunta do título; ela apenas a formula para que o ouvinte carregue o incômodo consigo. "Mais um tempo que passa deixando memórias / nas paredes, histórias de vida, dor e glória" pode soar como abertura de

caderno de colégio, mas aí vem o refrão e transforma o tom: a percepção de que o relógio no pulso é uma ilusão de controle, e que na verdade é o tempo que nos tem; isso é uma inquietação adolescente, talvez uma questão existencial, quem sabe. De qualquer forma qualquer adulto reconhece sem precisar ser avisado.

2. Banalizados



Das aulas de História sobre o Holocausto para uma letra. O caminho entre sala de aula e estúdio raramente produz algo além de resumo escolar, mas "Banalizados" escapa desse destino ao trocar a análise histórica pela imagem cotidiana: a porta aberta, o mundo que cai para o outro enquanto o seu ainda está de pé, a boca fechada diante do que não é, tecnicamente, problema seu. "O meu mundo cai / mas o seu ainda está de pé" é a descrição mais precisa de como a indiferença funciona, e funciona tão bem justamente porque dispensa a grandiosidade. A canção não precisou citar nenhuma atrocidade específica para falar de todas elas, isso foi o que me chamou a atenção.



Jenifer Gomes

3. Este País



Diogo Alves

"Este País" é a mais direta do álbum, e nenhum ponto a favor. Diogo envia uma base com sotaque nordestino no DNA sonoro; Karine responde com uma letra sobre a distância entre a imagem do Brasil e a experiência de viver nele. "O mar esconde a dor / que é viver nesse país / a bela imagem avistada / não é para todos que vivem aqui", o contraste entre cartão-postal e realidade é tão antigo que qualquer abordagem mediocre cairia em discurso de palanque. A saída da letra é a primeira pessoa vulnerável: não é um manifesto político, é uma voz que diz que vai lutar, que vai pedir uma migalha, que vai fazer o que puder, e que eles não ligam para você. Me pareceu muito uma indignação de quem ainda não desistiu, o que, convenhamos, já é bastante.

Matheus Ramos

4. Batalhas



Karine recebeu a provocação de uma poesia escrita por uma colega e devolveu um hino de autoconfiança com estrutura de ring de boxe. "Façam apostas / desdenhem de mim / enquanto eu conquisto / um mundo pra mim" é exatamente o tipo de letra que parece exagerada até o momento em que você precisa dela, e então parece precisa. A música fala de resistência pessoal sem nomear o adversário, o que a torna estranhamente universal: pode ser o julgamento dos outros, a própria insegurança ou aquele professor que achava que você não dava para nada (todos tivemos). O refrão repetido cumpre sua função com eficiência: quanto mais você ouve, mais difícil fica duvidar.

5. Abra Seus Olhos



Uma das primeiras composições de Karine, e é exatamente assim que soa, no sentido mais generoso possível. "Abra Seus Olhos" tem uma convicção não processada, como se fosse alguém que ainda não aprendeu a suavizar a própria indignação, e isso é, paradoxalmente, um dos seus

maiores trunfos. A letra trata da sedução do poder político, do fantoche que o cidadão se torna quando fecha os olhos para as promessas, do castelo de cartas que vai desabar. "Essa torre está prestes a desabar!" é grito, não é análise; e gritos têm uma utilidade que a análise, às vezes, não tem. Dentro do álbum, funciona como o momento em que alguém acende a luz de uma sala que preferia continuar escura.

6. Modernidade



Diogo Alves vira o olho crítico para a geração de Karine, e o faz com uma precisão desconfortável, como aquela pessoa que já passou por um processo parecido. "Quando tira fotos / sempre usa um filtro / não mostra quem é / se esconde muito bem" poderia soar como sermão de cinquentão indignado com o TikTok, mas o refrão salva a música de si mesma: "Qual é o teu valor? / Qual é o teu preço?". Não tem como desvencilhar a pergunta da sua filosofia. Não há resposta oferecida, apenas um espelho colocado na frente. Se a música te incomodou, então ela acertou em cheio, porque foi projetada para isso.

7. Caminhando



Elinaldo Fidelis escreveu "Caminhando" quando Diogo Alves tinha mais ou menos a mesma idade que Karine tem hoje, o que confere à faixa uma dimensão de arqueologia afetiva que as demais não têm. A letra é sobre o lado sombrio do mundo como os adolescentes de uma certa geração o enxergavam: desconfiados do sistema, furiosos com algo que ainda não sabiam nomear direito, mas sentiam com clareza. "Por uma luta sem causa / sem generais no comando" ecoa aquele tipo de angústia que antecede a consciência política de fato. No álbum, a faixa funciona como memória inserida no meio da conversa, uma espécie de lembrete de que a indignação de Karine tem genealogia.

8. Ilha das Flores



Diogo tinha dezesseis anos quando escreveu esta. A leitura de um livro sobre 1968 e a história da ditadura militar fervilhando na cabeça de um adolescente produziram algo

que, mais de vinte anos depois, parece pesado. "Tentar não chegar à conclusão / de que nossa pátria não é nação" é um dos versos mais duros da música, por que não dizer, do álbum, porque trata da desilusão como um processo que se tenta evitar, mas não se consegue. A faixa é áspera, ele escreveu sem calcular o efeito, o que, no contexto de um álbum cuidadosamente construído ao redor do presente, funciona como distância histórica necessária: o Brasil de 1968, o Brasil de quando Diogo tinha dezesseis anos e o Brasil de agora estão, infelizmente, tendo uma conversa muito mais coerente do que gostaríamos.

9. Fim dos Tempos



O álbum fecha onde o coração de qualquer adolescente termina: no fim de uma relação que pareceu ser o fim do universo. A música não tenta diminuir esse sentimento nem justificá-lo. O verso "É fim dos tempos, amor / veja com seus próprios olhos / o cosmo inteiro desabou / num mundo que era nosso" me pareceu um exagero calculado, não posso dizer se foi autoconsciente ou não, mas fecha o ciclo do álbum de forma precisa: começou com a pergunta sobre quanto tempo temos, e termina com a sensação de que o tempo acabou. Que seja para um amor de colégio ou para uma civilização, a dor tem a mesma temperatura, e Karine, a essa altura, já entendeu como descrevê-la.

Diva Pop — Quanto Tempo Temos? está disponível nas plataformas digitais.



Dissona®

**ESTÁ
CHEGANDO A
PLATAFORMA
QUE VAI
MUDAR O
JEITO COMO
VOCÊ
VIRALIZA
SUA MÚSICA**

Damir Godinho





PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

DIVA POP

Diva Pop é uma banda de pop rock autoral de São Paulo formada por Karine Lisboa (vocal), Diogo Alves (guitarra), Jenifer Gomes (teclados), Matheus Ramos (baixo) e Damir Godinho (bateria).

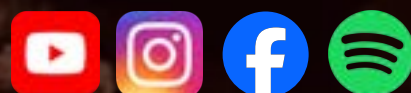


A formação reúne duas gerações de compositores: Karine e Diogo dividem as letras com uma diferença de quase vinte anos entre si, o que aparece no som sem precisar de explicação.

A discografia começa em julho de 2023 com Carnaval, álbum que traz como destaque "O Preço de Ser Mulher", faixa que já antecipava a disposição da banda para letras sem rodeios.

Em 2025, a banda lançou Quanto Tempo Temos?, álbum de nove faixas autorais produzido, gravado, mixado e masterizado por Ernani Barbosa. O disco transita entre indignação política, memória, redes sociais e o fim do mundo particular que é o término de um relacionamento aos dezoito anos. Todas as faixas disponíveis no Spotify.

REDES SOCIAIS



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA
BANDA DIVA POP NO PORTAL
DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)



Superação profissional. Uma aula de coaching de recolocação, treinamento, capacitação, como você quiser chamar. O Diabo Veste Prada (DVP), tanto no pioneiro de 2006 quanto na sua continuação de vinte anos depois, entrega as entranhas da Organização Empresarial, com todas as suas mazelas, desafios, vitórias e derrotas, com um realismo impressionante. O exemplo escolhido foi a multibilionária indústria da moda (alguém da produção deve ter estudado muito a sua estrutura organizacional), mas poderia ser a multibilionária indústria do petróleo, das armas, do cigarro. Ou a franquia da lanchonete, a papelaria, a loja do shopping. Nigel, personagem de Stanley Tucci, competente, sobrevivente, sempre esperando uma oportunidade melhor, às vezes preterido, mas nunca eliminado, diz a Andrea no primeiro filme:

- Avise quando a sua vida pessoal estiver arruinada. Hora da promoção.

Na verdade, a máxima do DVP é muito simples: é melhor não ter uma vida pessoal por causa do trabalho do que não ter uma pela falta dele. É bom saber se o trabalho te consome pela exploração da sua expertise que você tanto ama ou pelo fardo da subutilização. Antes disso, é bom saber se o trabalho é realmente um trabalho ou um subemprego pela mera sobrevivência. Nova York, o centro do Universo, tem os dois para oferecer, sempre com vários degraus a galgar:

- *To jobs that pay the rent!* – Lembram?

Ora, se o (sub)emprego apenas paga o aluguel durante o período de espera de capacitação em busca da sonhada carreira certa, ninguém é de ferro para segurar esse rojão sem a “cachaça”, como diria a música do Chico. Neste ponto, entram duas qualidades inerentes ao ser humano e ao seu ambiente: a cultura adquirida para formar opinião, gerando/consumindo entretenimento de qualidade e a oferta deste último pela cidade onde você vive.

Tudo depende do desenvolvimento econômico do lugar, da sua estrutura familiar, da sua formação e do seu ímpeto de ir atrás de momentos. Lembram da pirâmide de Maslow? Nova York é o lugar geométrico daqueles que têm cacife (não necessariamente muito dinheiro) para viver no topo dela, mas também daqueles que chafurdam na sua base.

O Diabo Veste Prada:

O Filme Sobre Moda Que Nunca Foi Sobre Moda

Por Rogério Espósito



E, se você se contenta com o pagamento do aluguel e das contas mais básicas, lavando pratos sem planejar o caminho para onde quer chegar, ou mesmo sem saber se você quer chegar a algum lugar, sua Nova York será sempre subutilizada e tudo o que você perceberá nela será a dureza da realidade dos apartamentos minúsculos com aqueles tijolinhos aparentes e escadas de bombeiros, da violência, da fumaça dos sistemas de aquecimento, do mau cheiro do Hudson ou dos ratos do metrô.

O seriado “*Sex and the City*” passa a mesma idéia. A moda tem suas futilidades, mas só pode gerar emprego e renda onde existe sobrevivência garantida e recurso excedente para realização pessoal. É preciso visão e planejamento. E um talento para improvisar e mudar de direção quando o “bagulho fica doido”. Andrea Sachs tem isso de sobra. Miranda Priesley não tem o menor pudor em apelar para a ignorância, Nigel se contenta em ser sempre útil e Emily... bom, Emily é ambiciosa, tem uma empregabilidade notável pela paixão no que faz, mas, diferente da antiga chefe, nem sempre sabe o que fazer. É a que mais erra.

Mas reflita sobre esta observação óbvia: ninguém, absolutamente ninguém, sobrevive onde há somente o nada. Na hora da recessão, do corte, os sobreviventes também passam aperto e fazem concessões. Esse momento difícil pode virar um cenário constante se não há perspectivas de recuperação no longo prazo. Não se trata somente de ser “obrigada” a viajar de classe econômica. A coisa pode evoluir para não viajar. Não se trata apenas de ter que fazer a sua refeição na lanchonete do segundo andar porque o voucher

do restaurante não está mais disponível. A coisa pode evoluir para o fechamento da própria lanchonete. A partir daí, o DVP te leva mesmo a uma reflexão político-ideológica sobre a evolução do embate capitalismo/socialismo. Não vem ao caso aqui.

Ninguém vai a Nova York à toa. Todo mundo espera alguma coisa de lá. Algum aprendizado, alguma experiência, alguma realização. Milão é sucesso, Paris é Paris, mas tudo nasce e retorna a Nova York. O *happy hour* depois de um dia profícuo que gerou renda... o teatro, o jazz, o vinho, o bagel, a pizza e o hamburger. De metrô ou de carrão, tudo transporta vida, sonho, esperança, sem tirar os pés da realidade, sem utopia. O Diabo Veste Prada é um convite a você pensar se está mesmo preparado para mergulhar na vida que desafia, mas pelo menos existe com perspectiva, sem o marasmo da derrota e estagnação eternas. Nós não moramos lá e lá também não é o paraíso. Mas é bem diferente de zero, pelo menos para quem tem alguma “garrafa vazia para vender”. Independente de onde você mora, tem um ditado que diz:

“Cada manhã na África, uma gazela se levanta.

Sabe que terá que correr mais que o leão Ou será morta.

Cada manhã na África, um leão se levanta.

Sabe que terá que correr mais que a gazela Ou morrerá de fome.

Leão ou gazela, pouco importa.

É melhor começar a correr”

Ok, é profundo, tem significado. Mas o DVP sugere que há maneiras de usar a cabeça e o coração para correr menos e viver mais. Assista.

Feijão Queimado

Um Conto de Hélio Silva

Hoje está uma tarde agradável. Um sol tranquilo entra, coado de verde pelas plantas no jardim da cozinha. Eu estou aqui, aproveitando a folga, fazendo um lanche leve, sanduíche natural, que a dieta pede. Aproveito, também, para pôr o feijão no fogo.

Meu filho está na sala, quieto no sofá, lendo seu "A Hora da Estrela". É tão estranho vê-lo assim, sem estar com a cara enfiada no celular. Ele que não era adepto da leitura, com um livro tão complicado para seus quinze anos. Nem sei se ele está entendendo o que lê. Talvez tenha sido por influência minha, por ser mãe professora. Talvez eu esteja apenas tentando simplificar as coisas.

Às vezes, as pessoas pegam gosto pelas coisas. E eu gostaria de captar este momento, o momento exato em que essa mudança acontece, em que uma coisa vira outra, em que o feijão fica pronto.

Ele está me fazendo lembrar minha avó. Dona Celeste, depois de deixar a filha bem estabelecida, quase não era vista em casa. Vez por outra contratava alguém para cuidar do jardim, as plantas viviam por conta própria enquanto ela mesma vivia entre taças e brindes. Sua jovialidade enganava a todos: ninguém desconfiava de seus quase setenta anos.

Um dia, porém, meus pais já tinham ido trabalhar e eu ia para a escola, quando fui surpreendida com uma novidade.

A casa de minha avó ficava em frente, no amplo quintal, e ali estava ela, com um vaso grande diante de si. Dentro, uma planta já crescida e uma flor branca bem na ponta. Usava um avental roxo com bordas laranjas e estava cuidando dessa flor. Dedos de luvas amarelas saíam do bolso do avental. Uma pequena pazinha estava em sua mão direita e uma taça de vinho em sua mão esquerda.

Eu lhe pedi a bênção, mas fiquei parada sem acreditar no que via.

– Ora, ora – disse Dona Celeste – Veja se não temos uma curiosa aqui?

Ela sorria de forma convidativa para mim. Eu contava dezessete anos nesta época. Apenas um ano e todo o período escolar acabaria. Época de mudanças. Mas mudanças eram esperadas para mim e não para minha avó. Curiosa, me aproximei:

– Que planta é essa, vó?

– Essa é uma gardênia – ela tomou um gole da taça de vinho. Voltou à varanda, pôs a taça numa mesa e veio com um borrifador branco: – Já que você está parada aí, veja se ajuda um pouco. Dê umas borrifadas aí na base, porque gardênia dá praga por qualquer coisinha.

Eu dei as borrifadas, enquanto ela pegou uma pazinha com um fedorento pó branco. Até hoje não sei o que era aquilo. Tenho quem cuide do jardim aqui de casa, pois eu não dou para essas coisas. Se bem que, minha avó também não era afeita a essas atividades e lá estava ela, cedinho me mandando para a escola:

– Vai, vai, que senão atrasa na aula. Deixa eu ficar aqui com minha nova amiguinha.

Eu queria perguntar mais sobre a planta e, principalmente, sobre a mudança de minha avó em relação ao jardim. Porém, minhas dificuldades em português acabaram prendendo minha atenção por todo aquele semestre.

Esta dedicação, anos depois, me daria uma boa profissão, mas, naquele tempo, fiquei sem respostas claras para a repentina mudança de hábitos de Dona Celeste:

– Deixe de querer fofocar da minha vida, Belinha – ela me dizia, rindo.

Sempre rindo, com a gardênia. E depois, com a orquídea. E depois, cuidando do gramado. E, então, das samambaias e das outras plantas do jardim. Até que ela mesma passou a se habituar ao avental e a ajudar o jardineiro que ela contratava.

E eu fiquei com uma ideia fixa na mente: a de que ela tinha começado a se interessar por plantas justo por causa daquele jardineiro, um senhor simpático, de barba grisalha e bem apessoado. Sempre risonho, que nem ela. Ambos trabalhando para florir o jardim.

Mas certas conclusões têm pernas rápidas demais... E o cheiro das flores começa a se distorcer na minha mente...

– Mãe – meu filho grita lá da sala.

– Tá BOM – eu grito daqui – Já fechei o fogo!

Então era este o cheiro invasivo... Às vezes eu me distraio em meus pensamentos. Justo eu, que detesto feijão queimado. Ai, ai... Olha o que Dona Celeste me fez fazer.

– Quer ajuda aí? – ele aparece na porta, com olho arregalado para a panela. Ainda está com o livro na mão.

– Não precisa, filho. Só queimou um pouco...

Eu levanto o dedo indicador para o livro. Quero matar minha curiosidade:

– Por que você pegou esse livro para ler?

Ele ficou parado um instante, olhando com o cenho fechado. A pergunta lhe parecia difícil. E sua resposta não respondeu nada.

– A senhora não disse que me emprestava qualquer livro da sua biblioteca?

– Sim. Mas... é só isso mesmo?

– Ué? Que pergunta, do nada?

– Não, tudo bem. Pode ir lá. Obrigada, estou de olho no feijão.

– De nada – ele disse, voltando para a sala, voltando para seu livro.

Isso deve ser coisa de alguma garota da escola dele. Que bom que ele tenha encontrado uma moça assim.

Imagino como será a reação dele quando chegar na cena do atropelamento. Tão repentino, mas ao mesmo tempo, tão anunciado na narrativa...

Droga. Queimou mesmo. Vou ter que fazer o feijão de novo. Da próxima, abaixo um pouco o fogo.

ESTAR NA DISSONÂNCIA NÃO É SORTE É CONSEQUÊNCIA

A próxima capa pode ser a sua

